

"A Flauta Mágica"

Por Samara Elizabeth

Comentário Crítico do filme de Ingmar Bergman (1975), da ópera original de Mozart (1791)

Logo ao início do filme, com as cenas do público assistindo à ópera, a primeira correlação possível de se estabelecer é a com o texto *Raça e História*, de Lévi-Strauss, quando este aborda a diversidade de culturas humanas. A sucessão de rostos e semblantes parece querer sublinhar o aspecto diverso da humanidade: tanto a diversidade étnica, quanto a etária.

Outro ponto de contato, com esse mesmo texto, ocorre, a meu ver, quando do encontro entre Tamino e Papageno, um representando a 'civilização', o outro a 'barbárie': "...é provável que a palavra bárbaro se refira etimologicamente à confusão e à desarticulação do canto das aves, opostas ao valor significante da linguagem humana; e selvagem, que significa da 'floresta', evoca também um gênero de vida animal, por oposição à cultura humana." (*Raça e História*, p. 59). Assim, a presença de Papageno - homem meio pássaro - vem questionar os valores da dita civilização.

Ainda no I Ato, o cruel seqüestro de Pamina e o desespero de sua mãe - a Rainha da Noite - permitem um paralelo com o mito grego de Perséfone, filha de Deméter, levada às profundezas do mundo subterrâneo pelo poderoso deus Hades.

A ópera, vista como um todo, parece fazer referências à Maçonaria - daquilo que se sabe à seu respeito: o número três várias vezes surge, ora nas três damas da Rainha, ora nos três espíritos que auxiliam Tamino e Papageno, ora nas três tentações ou tarefas impostas aos dois; o próprio sentido de tarefa, ou prova que deve ser superada para alcançar-se a iniciação no santuário já parece algo maçônico; a fraternidade ou irmandade sagrada a qual pertence Sarastro; as características ou virtudes que devem ser preservadas por Tamino - firme, silencioso, obediente - para que seja bem sucedido em sua missão de resgatar Pamina.

No II Ato, mais claramente, os conceitos como "perdoar o inimigo" (Sarastro referindo-se à Rainha da Noite), "verdade e fidelidade" ou "amor vencedor", parecem estar mais interrelacionados com um pensamento cristão. Ou talvez, confundam-se mesmo, com a própria Maçonaria?!

De modo geral, na Ópera impera a "eterna luta do Bem contra o Mal" que vem reforçar ou mesmo dissolver-se em outros aspectos dualistas aí presentes: forte x fraco; luz x escuridão; Sol x Noite; deuses da vingança x deuses da luz; inverno x primavera; morte x vida.

Conduzindo pelo trajeto que leva à vitória do Bem, os sinos da visão e a flauta mágica, elementos capazes de transformar ou reverter o Mal ou a Tristeza, em Bem e Alegria. Apenas estranhamente, a meu ver, dados a Tamino e Papageno pela própria 'representante do mal', a Rainha da Noite. Ou teria ela usurpado-os de Sarastro?